

## A literatura italiana e os entrelaçamentos culturais da Editora do Globo: as traduções em questão<sup>1</sup>

*Arivane Augusta Chiarelotto*  
[arivaneaugusta@gmail.com](mailto:arivaneaugusta@gmail.com)  
Universidade Federal de Santa Catarina

### **Resumo:**

Neste texto, analisaremos a inserção da literatura italiana nas políticas editoriais da Globo, uma casa que inicia seu funcionamento no princípio do século XX, em Porto Alegre, e que, no ano de 1986, tem sua sede transferida para o Rio de Janeiro, por ocasião da sua venda às Organizações Globo. Estudar o ingresso da literatura estrangeira no sul do Brasil possibilita aprofundar os conhecimentos históricos e compreender os diversos aspectos de uma realidade social que acomodou a chamada “época de ouro da tradução” enquanto um fenômeno editorial manifesto entre meados dos anos 1930 até o final da década de 1940, o mesmo que, em fase inicial, colocou a narrativa italiana bastante em evidência.

**Palavras-chave:** literatura italiana, tradução, Editora da Livraria do Globo.

### **La letteratura italiana tradotta nel sud de Brasile: Una tradizione da Editoriale Libreria Globo rivisitata**

### **Riassunto:**

In questo testo si analizza l’inserzione della letteratura italiana nelle politiche editoriali della Editora do Globo, una casa che comincia a funzionare al principio del XX secolo a Porto Alegre, la stessa che, nell’anno 1986, trasferisce la sua sede a Rio de Janeiro, perché era stata venduta alle *Organizações Globo*. Studiare l’ingresso della letteratura straniera nel sud del Brasile permette di approfondire le conoscenze storiche e di comprendere i diversi aspetti di una realtà sociale che ha favorito la nascita dell’espressione “epoca d’oro della traduzione” come un fenomeno editoriale che si è manifestato tra il 1930 e la fine del 1940, lo stesso fenomeno che, nella fase iniziale, ha messo in evidenza la narrativa italiana.

**Parole chiave:** letteratura italiana, tradução, Editoriale Libreria Globo.

### **Obras italianas traducidas en el sur de Brasil: una tradición de la editorial Globo revisitada**

### **Resumen:**

En este trabajo se analiza la inclusión de la literatura italiana en la política de traducción de la Editorial Globo, una casa que inicia su operación a principios del siglo XX en Porto Alegre, hasta

---

<sup>1</sup> Este artigo é produto do projeto de pesquisa intitulado *A Literatura Italiana Traduzida no Brasil*, realizado numa parceria entre pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/Brasil) e da Universidade de São Paulo (USP/Brasil).

1986 cuando su sede se trasladó a Río de Janeiro en el momento de su venta a *Organizações Globo*. El estudio de la entrada de la literatura extranjera en el sur de Brasil permite profundizar en el conocimiento histórico y la comprensión de muchos aspectos de una realidad social llamada la “edad de oro de la traducción”, un fenómeno editorial manifiesto entre los años 1930 hasta la década 1940, el mismo que, en la etapa inicial, hizo la narrativa italiana bastante evidente.

**Palabras clave:** literatura italiana, traducción, Editorial Librería Globo.

### **Italian literature translated in the South of Brazil: A tradition of Globo Library Publishing House**

**Abstract:**

In this text, we will examine the integration of Italian literature in the editorial policies of the publisher Globo, which started its operations at the beginning of the 20th century, in Porto Alegre, until 1986, when its headquarters were transferred to Rio de Janeiro, on the occasion of its sale to *Organizações Globo*. The study of the entrance of foreign literature in southern Brazil makes it possible to deepen the knowledge and understanding of the various aspects of a social reality that accommodated the so-called “golden age of translation”, an editorial phenomenon manifest between the 1930’s until the end of the decade of 1940, and which, in its initial phase, turned its attention towards Italian literature.

**Keywords:** Italian literature, translation, Globo Library Publishing House.

## **1. A obra italiana na migração da Editora do Globo para o Rio de Janeiro**

Daniele Del Giudice é um dos poucos escritores italianos contemplados pelas Edições Globo quando esta então já operava, há três anos, na nova sede no Rio de Janeiro. *O Estádio de Wimbledon*, romance curto (119 páginas), originalmente publicado em 1983, com o título *Lo stadio di Wimbledon*, de certa maneira, finaliza o ciclo editorial que marcou profundamente a história da editora de Porto Alegre, a qual, desde os anos 1930, privilegiava uma literatura de amplo espectro mercadológico preferindo a narrativa à poesia.

O tema da inserção da literatura italiana, aqui enfocado, envolve as políticas editoriais de uma casa originária de Porto Alegre, cujas primeiras atividades datam de 1916, e que veio a funcionar por aproximadamente trinta anos como uma atividade anexa à Livraria do Globo<sup>2</sup>. No curso dos quase cem anos de atividades, antes que a Editora fosse transferida para o Rio de Janeiro, por ocasião da venda às *Organizações Globo*, a Livraria sempre esteve situada à Rua da Praia, nº 268, na capital gaúcha<sup>3</sup>. Tal nomenclatura [“Rua da Praia”] é importante de ser mencionada porque, embora legalmente inexistente, compôs o cenário cultural da época, fazendo-se constar de poemas, relatos e crônicas dos intelectuais locais que,

<sup>2</sup> A livraria que fora fundada por Laudelino Pinheiro de Barcellos, em 1883, abre terreno editorial por meio dos serviços tipográficos vindo juridicamente a se transformar em editora somente em 1948.

<sup>3</sup> Em 1986, a Editora Globo foi adquirida pela Rio Gráfica Editora, incorporando-se às *Organizações Globo*, do jornalista Roberto Marinho.

desde a década de 1920, acentuavam-na como o espaço dos encontros em que um profícuo debate literário acontecia.

Nos relatos desse tempo, confirma-se o interesse pelas narrativas que igualmente se assentavam numa atmosfera burguesa em ascensão, mas que ainda mantinham traços da cultura aristocrática, como indica o poeta gaúcho Augusto Meyer: “Quem não viu a Rua da Praia aos sábados a tarde (sic), por volta de vinte e tantos, não sabe o que perdeu de espetáculo, nem conhecerá jamais a província que ainda caminhava pelo ritmo do século passado. Andávamos então em pleno rigor do chapéu obrigatório, da bengala, muitas vezes (sic) do *plastron*<sup>4</sup>”.

Importante mencionar que a cidade moderna, que nasce no século XIX e culturalmente se desenha com a progressiva ascensão da burguesia, entrecruza-se com os escritos literários. Marcos Antonio de Menezes<sup>5</sup>, conclui com sua pesquisa, que o novo modo de vida, que se passava a experimentar com o crescimento dos centros urbanos e das novas funções em seu interior, veio a culminar no surgimento de uma literatura que se abria às novas percepções, englobando os sons, os edifícios, o tráfego, como elementos do viver moderno.

Meyer, que em 1937, a convite de Getúlio Vargas, seguiu para o Rio de Janeiro para organizar o *Instituto Nacional do Livro* – e ao qual permaneceu ligado por trinta anos –, destaca ainda a efervescência intelectual que se espraiava entre a Livraria e o Café Colombo, locais nobres dos encontros com suas mesinhas de mármore na calçada.

A literatura estrangeira se mostrava um componente importante neste contexto urbano da pequena capital gaúcha que vivia com plenitude o anseio pelo desenvolvimento. A “Rua da Praia”, considerada como a “estrada real da formação” e tida como a “sala de visitas da capital gaúcha”, reunia vários estabelecimentos comerciais, os quais acomodavam as reuniões em que se desenrolavam as discussões literárias informais na ainda pequena cidade. Sobre o contexto, Meyer também destaca, o já mencionado poeta gaúcho: “Creio que para todos nós, da geração de novecentos, foi a Rua da Praia uma estrada real da nossa formação. Na topografia sentimental da cidade, ela será sempre o caminho obrigatório das recordações, no tempo da primeira mocidade, o lugar em que todos se misturavam e marcavam encontro<sup>6</sup>”.

---

<sup>4</sup> Meyer, Augusto. (1966). *No tempo da flor*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, p. 131.

<sup>5</sup> Menezes, Marcos Antonio. (2007). Narrativas urbanas: Gogól, Poe e Ginsberg. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, 20 (36/37).

<sup>6</sup> Meyer, Augusto. *Op., cit.*, p. 123.



**Figura 1:** Foto da Rua dos Andradas (mais conhecida como Rua da Praia), em 1913(entre a Rua da Ladeira e a Borges de Medeiros)<sup>7</sup>.

O texto literário, tanto estrangeiro quanto local, era o elemento de conexão entre as personalidades que, desde os leitores até os políticos e os intelectuais, pareciam compartilhar de uma grande paixão pela literatura, como conclui a professora Sonia Maria de Amorim, na pesquisa publicada em livro: *Em busca de um tempo perdido*<sup>8</sup>.

Nesta confluência, cabe retomar o argumento de Georg Simmel em seu já celebrado ensaio: *A metrópole da vida mental*<sup>9</sup>, o qual preconiza que a nova sensibilidade produzida, assim como a condição da vida nas metrópoles, determinou que a tradição literária se ajustasse a uma abordagem singular, repercutindo na captura do artista modernista.

Assim, o gosto literário caminhava ao lado das grandes ambições comerciais, das quais eram portadores os mecenas portoalegrenses, a exemplo de José Bertaso, sócio majoritário da referida Livraria, desde 1917. Bertaso, que aproveitou para estocar papel (na época originado preponderantemente da importação) para prosperar diante da escassez originada com o conflito da Grande Guerra, foi o homem que, tendo sempre em mente a análise dos custos, viabilizou financeiramente a concretização do projeto editorial da Livraria, sobretudo aquele assentado na tradução levada a cabo a partir da década de 1930.

A grandiosidade do empreendimento resultou que, ao ser vendida para as *Organizações Globo*, em 1986, a Editora do Globo seguiu com um acervo de aproximadamente 2.830 títulos publicados<sup>10</sup>, muitos deles em caráter de contínua reedição, a exemplo dos clássicos: *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust; *O Aleph*, de Jorge Luís Borges; *Antologia Poética*, de Mário Quintana; e, *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo.

<sup>7</sup> Porto Alegre Resiste (maio 2016). Recuperado de <https://poavive.wordpress.com/2013/11/14/porto-alegre-em-1913/>.

<sup>8</sup> Amorim, Sonia Maria de. (1999). *Em busca de um tempo perdido*: edição de literatura traduzida pela Editora do Globo (1930-1950). São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS.

<sup>9</sup> Simmel, Georg. (1979). *A metrópole da vida mental*. São Paulo: Zahar.

<sup>10</sup> Cf. Bertaso, José Otávio. (1993). *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo.

Após o deslocamento da sede para o Rio de Janeiro quando, então, ao lado de Del Giudice, outros escritores foram contemplados, manteve-se a tradição de privilegiar as obras de caráter narrativo. Assim, em 2003, depois de quatorze anos de silêncio relativo à produção italiana, a Editora, que então passara a se denominar *Editora Globo*, estabeleceria parceria com o jornal “Folha de São Paulo”, publicando dois autores italianos contemporâneos: Umberto Eco, com *O nome da Rosa* [*Il nome della Rosa*, original italiano de 1980], e Italo Calvino, com *As cidades invisíveis* [*Le città invisibili*, publicado na Itália em 1972]. O primeiro, traduzido por Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade; o segundo, por Diogo Mainardi.

É neste ano de 2003, também, que a editora trouxe ao público brasileiro *A Consciência de Zeno*, obra de Italo Svevo, cuja primeira edição italiana data de 1923. Com a assinatura de Ivo Barroso como tradutor, essa publicação endossa o prestígio de Svevo e acompanha o movimento da crítica literária italiana que já o consagrava como um dos expoentes do início do século XX, que melhor conseguira captar os contornos estéticos da arte do *Novecento* no campo da narrativa<sup>11</sup>.

Depois de colocar em circulação estas obras, hoje já tomadas como clássicos da literatura italiana, a *Editora Globo* voltaria a contemplar a produção italiana somente em 2011, quando, então, novamente coloca em evidência um autor cuja existência remonta ao século XIX: Carlo Collodi. *As aventuras de Pinóquio* [*Le avventure di Pinocchio*], publicado originalmente em 1883, foi uma obra traduzida por Pedro Falleiros Heise para integrar a coleção *Infanto-Juvenis*, uma das principais linhas editoriais mantidas pela referida casa.

Os dados até aqui apresentados indicam que, no curso de sessenta anos, apenas cinco obras italianas traduzidas foram publicadas pela editora, o que, sem dúvida, vem contrastar com a configuração da primeira metade do século XX, período em que a casa se consolidou graças à amplitude do ingresso da literatura estrangeira no território brasileiro.

Nesta matéria, podemos dizer que a literatura italiana teve particular destaque nas traduções da primeira metade do século, uma vez que diversas obras foram contempladas, algumas delas, com várias reedições, como é o caso de *GOG*, de Giovanni Papini. Tal obra foi publicada pela terceira vez, em 1951, sob a tradução de Graziella Saviotti Molinari e Luis de Abreu Ribeiro, levando como título *O livro Negro – O novo diário de GOG*.

Entende-se que *GOG* é a obra italiana que demarca os limiões de um tempo, ou seja, ela sinaliza tanto a abertura quanto o fechamento da época áurea da tradução no sul do Brasil. Tal fenômeno se embala na cultura gaúcha que, desde os anos 1910, vinha se abrindo para a literatura estrangeira, ao passo em que a cidade de Porto Alegre já se

<sup>11</sup> *Novecento* é a maneira como o século XX é denominado na Itália.

demarcava pela ânsia à erudição. Com seus aproximados 250 mil habitantes, a cidade expressava querer se aproximar da atmosfera das grandes metrópoles europeias do final do século XIX, resultando que, ali, as maiores atrações culturais fossem os cinemas e as novidades literárias estrangeiras, artes estas que suscitavam fascinação e encantamento aos leitores e intelectuais da época.

É nesta ambiência que a Livraria do Globo prosperava; vendia não só livros, mas principalmente o papel e os serviços tipográficos. A importação de livros permitiu que a literatura italiana fosse lida na língua original o que veio a se acentuar na década de 1920. A partir de 1922, a Livraria do Globo passou então a reservar o andar térreo para exposições ao público, com novidades literárias europeias e estadunidenses, todas na língua original.

O interesse do público determinou que, no curso dos anos 1920, a pequena capital já acomodasse diversas empresas, das quais se desdobravam algumas experiências editoriais. Além da Livraria do Globo, a Rua da Praia e adjacências, incluíam outras livrarias igualmente envolvidas aos pressupostos modernizadores predominantes nas décadas de 20 e 30 do século passado. Dentre elas, encontrava-se: a Americana; Selback & Cia; a Gundlach & Cia; Universal; e, a João Mayer Filho. Sem esquecer que a de maior expressão no ingresso da literatura estrangeira no país foi efetivamente a “Livraria do Globo”.

Assim, é sob uma atmosfera de otimismo que a incipiente editora da Livraria do Globo, a partir de 1922, inicia operações com a tradução de algumas obras francesas (Dumas Filho, Zola e Victor Hugo) enquanto publicava também obras literárias de escritores portugueses (Camilo Castelo Branco, Herculano, Guerra Junqueiro) e autores locais, ao lado dos livros didáticos<sup>12</sup>.

As obras citadas demonstram a tendência à divisão, já que as linhas editoriais não parecem coincidir. Enquanto os livros didáticos davam sustentação financeira, as publicações francesas e portuguesas permitiam o deleite e a reflexão ideológico-filosófica.

A literatura que circulava punha em evidência a arte das cidades cosmopolitas, principalmente aquela dominante nas capitais culturais da Europa, as quais traziam em si a complexidade e a tensão da vida moderna. Menezes, estudioso das relações das narrativas com as confluências urbanas, explica:

Em seus cafés e cabarés, revistas, editoras e galerias, destilavam-se as novas formas do urbano; gerações de filósofos discutiam a sociedade que se industrializava e as revoluções contestavam; as novas ideias e causas tornavam-se objeto de lutas e combates. Certamente, essas cidades eram mais do que lugares de encontros casuais. Eram ambientes geradores de novas artes, pontos centrais da comunidade intelectual e mesmo de conflito e tensão

---

<sup>12</sup> Segundo o levantamento feito por Amorim (1999), foram contabilizados 33 títulos de literatura estrangeira traduzida no período de 1926 a 1930.

intelectual. Sempre existiu uma íntima ligação entre a literatura e as cidades. Em muitos escritores modernistas, elas aparecem mais como metáfora do que lugar físico<sup>13</sup>.

O prestígio pela obra estrangeira faz parte do projeto empreendedor que incorporava os gestores desta livraria que, por coincidência ou não, pessoalmente também se caracterizaram como elementos estrangeiros e, sobretudo, de origem italiana. Entre os anos 1922 e 1931, por exemplo, temos como responsável pelo setor de publicações e compras um imigrante italiano, natural de Treviso, poeta e prosador: Mansueto Bernardi. Mansueto foi descrito por Theodemiro Tostes, outro poeta gaúcho, como o *Frate Mansueto*, devido a sua alma latina de mecenas. Além das tarefas administrativas, o italiano dividia com João Pinto da Silva, nome de prestígio em Porto Alegre, a orientação intelectual do *Almanaque do Globo*<sup>14</sup>.

Também italiano era o proprietário majoritário da Livraria do Globo nesta época, José Bertaso, nascido em Verona, em 1878, filho de imigrantes italianos destinados à Colônia Silveira Martins<sup>15</sup>. Desde que José assumira a gerência, os negócios da livraria prosperam ano a ano e, sob a coordenação de Mansueto, eis que se ampliam também os serviços editoriais no curso da década de 1920, esforços que resultariam na progressiva abertura de filiais no território brasileiro<sup>16</sup>.

Nos tempos em que as primeiras experiências de tradução se concretizavam, a Livraria do Globo já era um dos principais locais de encontro na cidade. À simpatia de Mansueto, segundo consta dos relatos de Tostes, o poeta já mencionado, atribuíam-se a concentração de personalidades da época, tanto literatos quanto políticos e profissionais liberais, entre os quais se destaca a presença de Getúlio Vargas [1882-1954]<sup>17</sup>, na época Governador do Estado, e seu secretário, Osvaldo Aranha. A boa fama de José Bertaso e a mansuetude de Bernardi, o também autor de *Terra convalescente*, permitia que a entrada da livraria se convertesse num local de debates envolvendo desde os ilustres intelectuais até os leitores.

<sup>13</sup> Menezes, Marcos Antonio. *Op., cit.*, p. 91.

<sup>14</sup> O primeiro empreendimento editorial da Livraria do Globo foi o *Almanaque do Globo*, que começou a circular em 1916, veiculando escritos de autores novos da literatura sul-rio-grandense. O periódico, mais tarde, veio a se constituir uma das linhas privilegiadas da editora.

<sup>15</sup> Em razão da pobreza, ainda garoto, José foi levado pela professora a Porto Alegre, onde começou a trabalhar na Livraria do Globo, vindo a tornar-se sócio, com a morte do primeiro proprietário, Laudelino Barcellos, em 1917. Ele começa suas atividades em 1890, aos 12 anos, como varredor, servente, menino de recados, entre outras atividades primárias, obtendo um salário de dez mil-réis ao mês, com despesas livres.

<sup>16</sup> Quando da morte de José Bertaso, em 1948, a empresa possuía filiais em Santa Maria, Pelotas, Rio Grande, bem como escritórios em São Paulo e Rio de Janeiro, com representação em quase todas as demais capitais brasileiras.

<sup>17</sup> Vargas ingressou na política em 1909, como deputado estadual pelo PRP (Partido Republicano Rio-Grandense). De 1922 a 1926, cumpriu o mandato de deputado federal. Ministro da Fazenda do governo Washington Luís, deixou o cargo em 1928, quando foi eleito para governar seu Estado. Foi o comandante da Revolução de 1930, que derrubou o então presidente Washington Luís.

O cenário cultural confluía para a ampliação da tradução, tendo sido os negócios literários bastante beneficiados com o ingresso de mão de obra especializada que chegava com a imigração. O *Relatório da Diretoria: 100 anos*, documento publicado pela mesma editora em 1983, e que foi estudado pela pesquisadora Elisabeth Torresini, registra as ligações que perpassam a história desta casa editorial:

Em torno desses dois espíritos de escol [Mansueto Bernardi e João Pinto da Silva], começaram a gravitar os jovens poetas e escritores do Rio Grande do Sul. Além disso, o pós-guerra havia empurrado para a América um expressivo contingente de técnicos e artistas europeus, de várias especialidades, e dentre estes tocou para o Rio Grande do Sul receber Karl Ernst Zeuner, desenhista, portador de enorme experiência junto às principais gráficas alemãs. Contratado pela Globo, ele também terminaria atraindo a atenção de jovens discípulos. Principalmente aos sábados a tarde – quando do encerramento do expediente comercial da semana – a loja da Rua da Praia tornara-se um importante ponto de encontro de intelectuais, artistas plásticos, políticos e profissionais liberais simpáticos à causa da Cultura<sup>18</sup>.

Como aponta Torresini, os processos editoriais confluíram na reunião de artistas, desenhistas, tradutores e demais colaboradores que progressivamente foram se vinculando à editora. Em razão desta particular oferta de mão de obra especializada, um significativo número de obras foi sendo traduzido entre os anos 1931 e 1948, época esta, que veio a se denominar de “época de ouro da tradução”.

De fato, este foi um período que envolveu experiências editoriais bastante peculiares, sobretudo aquelas que se desencadearam sob os cuidados de Henrique Bertaso [1906-75], um dos filhos de José Bertaso. Henrique, ainda muito jovem, passou a assumir o departamento editorial, em 1931, em substituição a Mansueto, que seguia para capital da República para chefiar a Casa da Moeda, a convite do Presidente da República<sup>19</sup>.

O Bertasinho, como era comumente chamado, crescera atendendo o balcão da livraria do pai e, amante dos livros, encontrou em Erico Verissimo, que já pertencia aos quadros da editora, o auxiliar primordial para colocar em curso os planos editoriais.

Juntos, Henrique e Verissimo comandam uma grande operação tradutória, numa parceria que duraria aproximadamente 20 anos (1930-50). E, para se ter uma ideia da amplitude da realização, são interessantes os dados levantados na pesquisa de Amorim (1999), que indicam o número de obras publicadas: “Foram editados entre 1931 e 1950 cerca de 338 títulos, o que dá uma média anual de 16,9 títulos. Entre

<sup>18</sup> Relatório da Diretoria *apud* Torresini, Elisabeth Rochadel. (1999). *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, p. 56.

<sup>19</sup> Henrique assume a direção da editora aos 24 anos, sendo descrito com semblante juvenil, gosto pelas anedotas e agudo senso de humor, ou seja, um homem que reunia atributos e as boas qualidades técnicas e comerciais que o bom gosto literário exigia. Justino Fontes (*apud* Amorim, *op., cit.*, p. 42) indica, ainda, o bom senso e os nervos estáveis para suportar a suscetibilidade dos intelectuais com que era obrigado a lidar em seu ofício.



Chiarello, A. / *A literatura italiana e os entrelaçamentos culturais da Editora do Globo: as traduções em questão*

1926 (ano da 1ª edição de tradução) e 1986 (ano da venda à Rio Gráfica) foram editados cerca de 456 títulos de literatura traduzida<sup>20</sup>.”

Bem, então como as obras italianas se estabeleceram neste grande universo de 338 títulos publicados entre 1931 e 50?

Se considerarmos que foram apenas dez as obras contempladas, resta evidente que a literatura italiana não chegou a ser um dos “carros chefes” do grande projeto. Agora, para nós, interessa particularmente discutir o lugar que ela ocupou dentro do cenário cultural gaúcho que vimos discutindo.

Importante destacar de antemão, que as expressões artísticas que deram consistência à tradução enquanto empreendimento comercial obedeceram a percursos inusitados. Nesta matéria, pode-se afirmar que a palavra “projeto”, na verdade não consegue espelhar a realidade da época, já que o verbete pressupõe que tudo tenha decorrido de um planejamento. Não, as coisas não se deram desta forma.

Segundo declara Verissimo, na autobiografia *O escritor diante do espelho*, publicada em 1967, os eventos foram se desdobrando gradativamente em compasso com as possibilidades de investimento existentes. No começo, havia apenas um objetivo para aquele que seguiria chefiando a operação: livrar-se do mofo e do cheiro de velho que perdurava nas prateleiras.

Inicialmente, Henrique deu continuidade a alguns projetos sugeridos por Mansueto Bernardi. Mas tendo assinado a revista norte-americana *Publisher's Weekly*, pôs-se a fazer um confronto com o que de melhor estava sendo editado no mundo. Que fosse no conteúdo, ou na forma, parecia-lhe haver na prata da casa uma certa opacidade provinciana, um azinhavre de cobre, um bolor de prateleiras velhas. Desde a escolha dos autores até o sistema de distribuição às livrarias, tudo estava para ser feito em termos empresariais, atualizados. Olhou a poeira e pediu forças a Deus na hora de empunhar o espanador<sup>21</sup>.

De fato, parece que Henrique assumiu os trabalhos bastante disposto a inovar o acervo, contudo, a editora era vista com certa reserva pelo pai, que mantinha sempre à vista suas planilhas de custos. Verissimo, que em 1930, ainda não tinha o nome conhecido como escritor, havia se vinculado à Livraria especialmente para colaborar com a edição da “Revista do Globo”, vem relatar mais tarde, que a época era de escassez de recursos financeiros para o custeio de uma produção literária de qualidade. Aquele que depois se tornaria um grande nome da literatura nacional destaca o uso da tesoura e do pote de cola como alternativa para suprir a falta de “colaboradores”, e de verbas para comprar matéria inédita, para a edição dos primeiros números da revista.

<sup>20</sup> Amorim, Sonia Maria de. *Op., cit.*, p. 67.

<sup>21</sup> Relatório da Diretoria *apud* Torresini, Elisabeth Rochadel. *Op., cit.*, p. 41.

Tudo na redação tinha que ser feito às pressas. Às vezes, folheando revistas americanas, eu descobria nelas ilustrações que me agradavam. Mandava então transformá-las em clichês. Prontos estes, invertendo o processo habitual, eu inventava um conto que se adaptasse às estampas e firmava-o com um nome suposto. Uma dessas histórias, *Lama das Trincheiras*, trechos do diário dum soldado inglês da primeira Grande Guerra, pasticho visível de Remarque, foi publicada numa revista argentina, pirata como a nossa, e cujo redator fabricou uma biografia para o autor do conto, Gilbert Sorrow, criatura que existia apenas na minha imaginação ou, melhor: era apenas um nome sem corpo, sem alma, sem passado e sem futuro, pois que eu saiba, o escritor-fantasma não escreveu mais nada. Com frequência os nossos paginadores me telefonavam da oficina, comunicando-me que necessitavam de matéria para encher um espaço vazio de alguns centímetros, no fim duma página. “Espere um minuto!” – dizia eu. Punha papel na máquina de escrever e improvisava um poema à maneira oriental, atribuindo-o a um poeta árabe, chinês, japonês ou persa, todos imaginários, e mandava-o para o linotipista. Não raro vinha lá de baixo um chamado aflito: “Faltam ainda cinco linhas!”. Eu então ditava pelo telefone os versos suplementares em que apareciam amendoeiras floridas, cálidas areias do deserto, rosas dos jardins de Alhambra, luas sobre o Ganges... “Chega?”. Havia uma pausa. “Agora tem uma linha sobrando...” – dizia o paginador. “Bom, tire fora essa flor de lótus. Faça ponto onde se lê *desceu ao jardim*”<sup>22</sup>.

É no interior deste contexto marcado por dificuldades que se começa a pensar na tradução como forma de “empunhar o espanador”, como é mencionado no *Relatório da Diretoria 100 anos*. Assim, uma das inclinações dos gestores foi a busca pelo material indicado pelo estrangeiro, a exemplo da revista norte-americana *Publisher’s Weekly*.

Ao prezar pelo espírito da modernização, a escolha das obras se deu com base no que publicava este periódico, que nasceu em 1872 com o intuito de divulgar os novos títulos publicados nas mais diversas partes do mundo. Inicialmente dirigida a livreiros, agentes literários, autores, bibliotecários e meios de comunicação, com o passar dos anos, a *Publisher’s Weekly* passou a agregar uma série de recursos e artigos o que, progressivamente, a tornou uma espécie de “bíblia do negócio do livro” no âmbito internacional, chegando a alcançar os nossos tempos<sup>23</sup>.

De outro lado, concorriam também as opiniões particulares dos assíduos frequentadores da casa, a exemplo de Getúlio Vargas que, entre outras indicações, sugeriu a criação da “Revista do Globo”, periódico que iniciaria sua circulação em 1929<sup>24</sup>.

## 2. Dos anos 1930 à “Época de ouro da tradução”: em evidência, o texto italiano

No fluxo e refluxo da revista *Publisher’s Weekly*, ou então da vontade de Bernardi, o gerente italiano, confere-se que a partir de 1931, um grande número de obras passou a

<sup>22</sup> Verissimo, Erico. (1967). *O escritor diante do espelho. Ficção completa*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 56.

<sup>23</sup> Sobre a história da revista *Publisher’s Weekly*, cf. <http://www.publishersweekly.com/pw/corp/aboutus.html>.

<sup>24</sup> No primeiro número da revista consta uma nota em homenagem ao ilustre político Getúlio Vargas – aquele que depois comandará a nação por 15 anos, boa parte deles em regime ditatorial –, e também ao seu “esforçado” Secretário do Interior, Dr. Osvaldo Aranha. (Cf. Torresini, *Elisabeth Rochadel. Op., cit.*, p. 58).

compor a esfera da tradução quando, então, a literatura italiana demarcou a abertura desta importante etapa da história da editora.

A primeira obra, *O drama de Regina (Nostalgie)*, escrita pela Nobel Grazia Deledda e publicada na Itália em 1905, foi traduzida por Marina Guaspari, em 1932 e publicada pela coleção Verde, que se destinava às moças e senhoras e editava romances sentimentais cujas relações amorosas eram a temática central<sup>25</sup>.

Entre 1932 e 33, ainda em plena tentativa de alavancar um projeto editorial, foram publicadas as obras de: Giovanni Papini, um dos autores mais editados no *ranking* da seção editorial (7º lugar): *Gog (GOG)*, traduzido por De Souza Junior, em 1932 – obra igualmente reeditada em 1943 e em 1951; e Luigi Pirandello, com o romance *O falecido Matias Pascal (Il fu Mattia Pascal)*, em 1933, com a assinatura do mesmo tradutor,<sup>26</sup> ambos publicados pela Coleção Nobel (em alguns volumes, também denominada de Biblioteca do Espírito Moderno)<sup>27</sup>.

É, ainda neste período, que se publica Mario Carli, com *A canção do Sangue (L'italiano di Mussolini)*, em 1932, e Massimo Bontempelli, com *Vida e morte de Adria e de seus filhos (Vita e morte de Adria e di suoi figli)*, em 1933, tendo sido ambas as obras traduzidas por Marina Guaspari e publicadas na Coleção Literatura da Itália Nova.

Depois, em 1934, voltou-se a publicar outra obra de Papini que, como já dito, foi bastante prestigiado pela editora, agora com o livro: *Palavras e sangue (Parole e sangue)*, traduzido por Mário Quintana, em 1934, e alinhada à Coleção Nobel.

Já nos anos subsequentes, começou-se a dar visibilidade à obra de Alessandro Varaldo, que teve traduzida por Luiz Estrella a obra: *O sete belo (Il sette bello)*, publicada em 1935; e, *A gata persa (La gatta persiana)*, que foi traduzida por Mário Quintana e publicada em 1938; ambas na Coleção Amarela. Tal coleção se destinava a editar romances policiais e representava a mais importante coleção voltada ao gênero que já se publicou no Brasil – com 160 títulos publicados entre 1931 e 56, ela foi também a coleção de vida mais longa: 25 anos. E, novamente Papini, que tem sua obra *Dante Vivo (Dante Vivo)*, traduzida por Padre Leonardo Mascello, em 1940, igualmente classificada na Coleção Nobel<sup>28</sup>.

<sup>25</sup> Segundo Amorim (1999), a coleção Verde, com 36 títulos publicados entre 1930 e 34, caracterizou-se por poucas reedições, baixas tiragens e pequena duração, devido à baixa receptividade do público.

<sup>26</sup> Pirandello foi traduzido ainda com: *Novelas escolhidas* (1925), por Francisco Pati, obra publicada pela editora A. Tisi & Cia. Obra de título homônimo [*Novelas escolhidas*], igualmente sob tradução de Francisco Pati, foi publicada pela Editora Piratininga, em 1932.

<sup>27</sup> A Coleção Nobel, com 128 títulos publicados, entre 1933 e 1958, representou a coleção de maior repercussão da editora, tendo editado obras de autores de renome, escolhidos os tradutores entre os profissionais mais gabaritados: “profissionais de maior cultura e inteligência”, segundo destaca Amorim (*Op., cit.*, p. 96).

<sup>28</sup> Além destes, Papini publicou ainda: *História de Cristo (Storia di Cristo)*, traduzido por Francisco, pela Pati A. Tisi & Cia., em 1924 (a mesma obra, *História de Cristo*, traduzida por Padre Lindolpho Esteves, foi também editada pela Companhia Editora Nacional, em 1941 e, depois em 1946, esta foi traduzida

Importante observar que os dados de Amorim (1999), aqui destacados, condizem com as informações levantadas por meio do Projeto de Pesquisa “Literatura Italiana traduzida no Brasil – 1900-1950”, que integrou pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade de São Paulo, entre os anos 2010-2012, e cujos esforços culminaram num banco de dados e num site, agora denominado *Dicionário Bibliográfico da Literatura Italiana traduzida no Brasil – 1900-1950*,<sup>29</sup> o qual confirma os dez títulos italianos e respectivos autores traduzidos para o português, no período de 1930 a 1943.

A partir destas experiências editoriais, inicia-se aquilo que se poderia denominar de “projeto literário sul-brasileiro” que duraria aproximadamente 20 anos (1930-50), o qual, como já mencionado, demarcou-se pelo predomínio da tradução de narrativas, a despeito da poesia, que era a veia literária mais forte em âmbito local<sup>30</sup>.

Enquanto a produção poética restava a mofar nas prateleiras, gerando algum prejuízo à próspera Livraria, os poetas ganhavam a vida traduzindo ou desenhando. Meyer (1966) narra esse entrecruzamento de imagens conjugadas às reuniões dos artistas locais, o *sabadear* das “mariposas literárias” como denomina o poeta, que se desenvolvia à frente da livraria; uma ocupação que acabava obstruindo a visão das vitrinas e dos livros expostos, e punha-se incômoda ao proprietário majoritário, José Bertaso. Para ele, a presença dos artistas e intelectuais ocasionava duplo prejuízo porque, além da baixa vendagem das obras locais, ainda lhe tapavam a visão daquelas de maior circulação, demonstrando, pois, julgarem-se eles mais interessantes do que as ilustres edições. A acidez da observação do velho Bertaso deixa antever as forças que concorriam ao intento de empreender pelo mercado editorial.

Forçava o velho Bertaso, que o artista começasse a se desprender dos laços românticos muito evidentes nos costumes, tal qual relata o poeta Augusto Meyer, que narrava a condição da cidade que, apesar de ser uma capital, constituía-se apenas numa “província que ainda caminhava pelo ritmo do século passado”<sup>31</sup>.

---

por Godofredo Rangel e publicada pela mesma Civilização Brasileira Editora; *As Testemunhas da Paixão* (*I testimoni della Passione*), traduzido por Nair Lacerda e publicado pela Editora Saraiva; *Dante vivo* (*Dante vivo*), traduzido por Alfredo de Paoli, pelo Editorial Tor, em 1940; e, *Um Homem Acabado* (*Un uomo finito*), traduzido por Carlos de Aragão e publicado pelo Clube do Livro, em 1945.

<sup>29</sup> O produto final deste projeto poderá ser consultado em: <http://www.dlit.ufsc.br/dicionario/>.

<sup>30</sup> As coleções passam a dar um contorno político para a Editora do Globo. Além das já citadas, outras que merecem destaque são as coleções: Universo, com 43 títulos publicados entre 1932-42, e que foi criada em 1931, para publicar obras relacionadas com aventuras, viagens e lutas fantásticas, em que as obras do escritor alemão Karl May foi o carro chefe, com 60% dos títulos publicados (24 obras), considerando-se, também, que a editora detinha os direitos exclusivos de tradução; e, Biblioteca dos Séculos, com 25 títulos publicados, sendo 17 ligados à literatura, entre 1942 e 52, uma coleção que visava a publicação de clássicos da literatura universal – Tolstoi, Balzac, Maupassant, Stendhal, Dickens, Poe, Swift entre outros, porém, nenhum autor italiano aqui foi contemplado.

<sup>31</sup> Cf. Meyer, Augusto. *Op., cit.*, p. 133.

Na contracorrente das forças do mercado, o espaço público representado pelas vias urbanas [Rua da Praia] enquanto ponto de encontro de personalidades é um fenômeno que conservava traços do passado. Ao final dos sábados outonais, quando o sol se punha estendendo-se na longa Rua, dava origem às “primeiras velaturas de sombra, atenuada e humanizada”; as despedidas aconteciam atravessadas de saudade antecipada, segundo Meyer:

Dos grupos silhuetados contra o poente, partiam sombras cada vez mais longas, movimentando-se pelas calçadas e no meio da rua. Lampejavam cintilações de reflexo em vidraças. Rostos indistintos, obscurecidos pela sombra, davam-se a conhecer quando bem próximos, emergindo sem transição da sombra para a claridade. E às vezes, como o sol muito baixo cegava a pupila, não era possível reconhecer imediatamente de quem havia partido uma saudação, acompanhada de palavras amigas<sup>32</sup>.

Na imagem esquiva, o grande anseio cultural retroalimentado pelo poeta, via-se na movimentação da Rua da Praia daqueles anos, o ponto alto da ascensão cultural porto-alegrense. Partiam os poetas, livres ficavam as vitrinas. Quiçá seguissem eles para suas respectivas mesas, para registrar as impressões urbanas, tal qual Baudelaire em Paris, que se debruçava sobre o papel como um esgrimista fazendo o corpo ceder à rapidez do pensamento no impulso do ato criador.

À guisa de conclusão, podemos afirmar que a literatura italiana traduzida pela editora da Livraria do Globo na dita “época de ouro da tradução”, inscreve-se num território político controvertido. Ou seja, ao passo que amplia o espectro de obras traduzidas, contempla majoritariamente as narrativas assinadas por escritores premiados com Nobel como Grazia Deledda e Luigi Pirandello, ou então afiliadas à coleção amarela (policial), como é o caso de Alessandro Varaldo. Essa lógica preside a maioria das escolhas literárias, inclusive as de outras origens, abarcando sempre autores que alcançavam maior vendagem no estrangeiro. Tais definições dos gêneros literários a serem priorizados evidenciam o propósito econômico em que se alicerçou a dita “Época de ouro da tradução”.

Por outro lado, há que se destacar igualmente as implicações políticas que atravessaram as escolhas tradutórias. Aqui não se quer ressaltar somente a influência dos personagens ilustres, a exemplo de Getúlio Vargas e Osvaldo Aranha, nas deliberações editoriais, mas destacar, sobretudo, os indicadores de uma colonização política que perpassa os princípios modernizadores concebidos pelos mecenas porto-alegrenses.

Nebulosos, tais desígnios modernizadores pareciam agregar o pensamento das mais diversas esferas, desde a econômica, a política ou a do mundo intelectual, porém veio a se constituir por fim num processo controvertido e arbitrário. Assim, em torno das obras traduzidas, fechou-se o que se poderia denominar de pacto entre os amantes dos

---

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 133.

livros. Isso quer dizer que, na medida em que a casa prestigiava grandemente o ingresso da literatura estrangeira a fim de suprir o mercado “ávido por novidades”, ela também calou a produção local, predominantemente poética.

Por outro lado, o poeta convertido em tradutor, pode viver da arte de escrever em franca convivência com seus pares. Os encontros, favorecidos pela atividade tradutória que se dava dentro da própria casa editorial, contribuíam para o fortalecimento das relações. Os fins de tarde do *sabadear* das “mariposas literárias” eram permeados de debates nos cafés, encontros nos cinemas e silhuetas alongadas, que seguiam juntas para casa no fim da jornada com o pensamento fervilhante de ideias.

Os pesquisadores aqui citados nos levaram a concluir, ainda, que embora a realização editorial objetivasse a modernização, ela deu visibilidade para uma literatura de evasão, vindo inclusive a avalizar as narrativas que nasceram do âmago da política conservadora fascista, como é o caso das obras de Mario de Carli e Massimo Bontempelli, já citadas. Nesta direção segue também a escolha pela obra de Giovanni Papini, cuja tradução contemplou a fase mais conservadora do autor, quando então escrevia sob a forte influência do catolicismo, veia religiosa recém-retomada.

Apesar destas inclinações, resta ainda a hibridez da história cujos rumos comumente guardam o imprevisível. Assim, com suas representações próprias, envolvendo confluências, divergências, recuos e aproximações, a obra literária traduzida se entrecruzou com a conformação cultural do sul do país, cujas repercussões e desdobramentos correspondentes são, na verdade, difíceis de dimensionar.

**Referências**

- Amorim, S. M. De. (1999). *Em busca de um tempo perdido: edição de literatura traduzida pela Editora do Globo (1930-1950)*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS.
- Bertaso, J. O. (1993). *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo.
- Meyer, A. (1966). *No tempo da flor*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro.
- Menezes, M. A. (2007) Narrativas urbanas: Gogól, Poe e Ginsberg, (pp. 91-102), *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, (20) 36/37.
- Simmel, G. (1979). A metrópole da vida mental, *in* Velho, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. São Paulo: Zahar.
- Torresini, E. R. (1999). *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*, São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS.
- Tostes, T. (1989). *Nosso bairro: memórias*. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva.
- Verissimo, E. (1967). O escritor diante do espelho, *in* *Ficção completa*, (pp. 13-174), Rio de Janeiro: Aguilar.